

## DA IMATERIALIDADE CARTESIANA A MATERIALIDADE LAMETTRIANA DA MENTE E SUA RELAÇÃO COM O CORPO.

MARCELO LUCHINI

E-mail: marcelloluchini@usp.br

Resumo: Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) médico e filósofo francês defendeu como conceito fundamental de sua filosofia a materialidade da alma, pois as discussões do século XVIII concernentes ao conhecimento humano e aos limites da experiência sensível impunham a necessidade de estudos aprofundados sobre a fisiologia dos sentidos e da sensibilidade. Para o médico-filósofo, o estudo do homem cuja estrutura e funcionamento dos nervos e do cérebro devem ser analisados em comparação com a dos animais a fim de tentar explicar a produção de pensamento se torna a hipótese mais produtiva, pois ao tomar a prática médica como guia, La Mettrie deseja realizar uma fusão entre a filosofia e a medicina. Ao descrever o homem analogamente a uma máquina, La Mettrie não reduz as propriedades "orgânicas" em propriedades "inorgânicas" e inversamente a fisiologia mecanicista de Descartes lança luz sobre uma questão fundamental, a relação entre corpo e alma – corpo e mente – ou seja, sobre o funcionamento do cérebro. A tentativa de explicar o funcionamento da mente em termos puramente materiais sem a necessidade da alma cartesiana, ou em outras palavras, demonstrar como o pensamento poderia ser o resultado de uma determinada organização da matéria no cérebro, se tornou a vertente da reflexão de sua filosofia e o aproximou da neurociência moderna.

Palavras-chave: Cérebro. Mente. Alma. Conhecimento. Organização.

Abstract: Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) French physician and philosopher defended as a fundamental concept of his philosophy the materiality of the soul, as the discussions of the eighteenth century concerning the human knowledge and the limits of sense experience imposed the need for in-depth studies on the physiology of the senses and sensitivity. For the doctor-philosopher, the study of man whose structure and functioning of the nerves and the brain must be analyzed in comparison with the animals in order to try to explain the production of thinking becomes the most fertile hypothesis, because to

take the medical practice as a guide, La Mettrie want a fusion between philosophy and medicine. Describing the man analogously to a machine, La Mettrie does not reduce the "organic" in "inorganic" properties and conversely the mechanistic physiology of Descartes sheds light on a fundamental issue, the relationship between body and soul - body and mind – in other words, on the functioning of the brain. The attempt to explain the workings of the mind in purely material terms without the Cartesian soul, or in other words, demonstrate how thought could be the result of a particular organization of matter in the brain, has become the part of the reflection of its philosophy and the closer of modern neuroscience.

Keywords: Brain. Mind. Soul. Knowledge. Organization.

Ainda que os aspectos da filosofia de Descartes (1596-1650) estejam enraizados no pensamento aristotélico-escolástico, a novidade de suas reflexões filosóficas é o ponto de partida da filosofia moderna e apesar de grande parte de sua pesquisa relacionada ao cérebro se revelar equivocada ele promoveu uma decisiva mudança no curso da medicina<sup>1</sup> em sua época. Sua concordância com os aristotélicos-escolásticos se dá nas postulações de que o intelecto pode operar independentemente do corpo e de que a alma ou espírito é incorpóreo, entretanto, pouco a pouco Descartes rompe com o pensamento vigente em outras questões. A ruptura com a filosofia escolástica-aristotélica é dupla: em primeiro lugar, Descartes compreendia que o método escolástico estava propenso a dúvida dada a sua dependência dos sentidos como fundamento de todo o conhecimento, portanto, renunciar aos sentidos, a fonte dos erros foi uma escolha racional já que a ciência deveria ser fundamentada na certeza absoluta em vez da observação e previsão<sup>2</sup>, em segundo lugar, ele desejava substituir o modelo de explicação científica, o das causas finais, por um modelo de explicação mais moderno caracterizada por dois elementos “o modelo matemático que

---

<sup>1</sup> DAMASIO, A. R. Descartes' error: emotion, reason, and the human brain. New York: Avon Books, 1995. p.251. “[...] Descartes did contribute to modifying the course of medicine [...]”.

<sup>2</sup> DESCARTES, R. *Discours de la méthode* IN: *Œuvres de Descartes* publiées par C. Adam & P. Tannery. vol. VI, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. p.61. “[...] elles m'ont fait voir qu'il est possible de parvenir à des connaissances qui soient fort utiles à la vie, et qu'au lieu de cette philosophie spéculative [...] ”

constitui uma mudança na figura do racional e o modelo mecânico, que constitui uma mudança na figura da cientificidade”<sup>3</sup>.

Ele concebeu a mente como tendo uma única propriedade essencial, o pensamento, assim como também concebeu a matéria como tendo uma única propriedade essencial, a extensão, as explicações das ciências físicas e biológicas foram feitas em termos puramente mecânicos, com excessão dos atos mentais dos homens por serem os únicos na natureza em possuir uma mente (alma). Os escolásticos de acordo com a definição aristotélica idealizaram uma alma tri-partida, ou melhor, o homem possuía três tipos de almas, a *nutritiva* encarregada da nutrição, do crescimento e da reprodução; a *sensitiva* na qual ocorriam as percepções fisiologicamente concebidas e a locomoção e por último a *intelectiva* entendida como a mente e a vontade. Já Descartes, ao contrário de Aristóteles, concebeu a alma como única, como o princípio de pensamento ou consciência e não como o princípio de vida. As funções nutritivas e sensíveis tornam-se funções essenciais do corpo, desta forma, todas as funções vitais da vida humana e animal devem ser concebidas em termos puramente mecanicistas.

Suas definições redesenharam o entendimento da alma racional, pois a essência da mente cartesiana é o pensamento e a consciência e não mais a da alma escolástico-aristotélico o intelecto e a vontade. O homem passa a ser definido como uma *res cogitans*, a coisa pensante e em paralelo os conceitos de pensar e pensamento se expandem para além de qualquer definição que já teria sido atribuída à alma racional. Descartes não só expandiu o *pensamento* como também incluiu tudo o que está em nós e que apercebemos imediatamente por nós mesmos<sup>4</sup> o que leva a compreensão de que *pensamento* não deve ser identificado apenas com a compreensão, a vontade e a imaginação, mas também com a consciência sensorial. A consciência é assimilada a autoconsciência, pois “uma coisa que dúvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também

---

<sup>3</sup> DUFLO, C. *La finalité dans la nature – De Descartes à Kant*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996 p.21. “Le modèle mathématique constitue un changement dans la figure du rationnel [...] Le modèle mécanique constitue un changement dans la figure de la scientificité [...]”

<sup>4</sup> DESCARTES, R. *Principia Philosophiae* IN: *Œuvres de Descartes* publiées par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 2, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989 Première Partie, §9, p.28. “Par le mot de penser, j’entends tout ce qui se fait en nous de telle sorte que nous *l’appercevons* immédiatement par nous-mesme”.

e que sente”<sup>5</sup>, ou seja, “*je pense, donc je suis*” estabelece que é impossível pensar sem a consciência.

O pensamento, mesmo sendo redefinido em termos de consciência ainda precisava contrariar as significações escolásticas, o ser humano que era definido como uma substância unitária, um *ens per se*, precisava ser dividido e mesmo que a união do corpo com a mente seja de uma forma *intrínseca* ainda assim era uma união de duas substâncias distintas, o ser humano não poderia ser uma substância individual, mas uma entidade composta. Ao afirmar que as naturezas destas substâncias são verdadeiramente distintas, Descartes quer demonstrar que certos atributos são reciprocamente excludentes, uma *coisa extensa* é uma *coisa não pensante*, e uma *coisa pensante* é uma *coisa não extensa* de forma que um corpo não pode pensar e uma alma não pode ser medida. A parte imaterial – a mente, ou como poderíamos dizer a alma – é a real pessoa, é nela que ocorrem os estados mentais e são esses estados - em vez dos estados físicos do corpo - que são fundamentais para a vida de uma pessoa.

Durante a existência física do homem a mente *habita* o corpo, no sentido de que ela está intimamente<sup>6</sup> ligada com ele, apesar desta união ela pode continuar a existir de uma forma completamente *não corpórea* mesmo após a destruição do corpo que habitava. Para ter certeza que a mente está unida ao corpo as percepções são concebidas como modos de pensamento ou consciência, resultado desta união, em verdade, é precisamente por referência à íntima união de corpo e mente que Descartes vai explicar as qualidades perceptivas em termos não mecanicistas, mas como sendo produzidos na mente sob a forma de idéias de cheiros, sons, calor, cores, sabores etc. O que resulta deste caráter instrumental de suas especulações da interação psico-fisiológica da *res cogitans* sobre a *res extensa* é a conclusão de que somente a parte imaterial é capaz de interagir com o mundo, controlar o corpo e produzir movimentos nele através de atos de vontade e ser capaz do pensamento

---

<sup>5</sup> DESCARTES, R. *Meditations Touchant La Premiere Philosophie* IN: Œuvres de Descartes publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 1, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. Meditation Seconde p.22 “Mais qu'est-ce donc que je suis? Une chose qui pense. Qu'est-ce qu'une chose qui pense? C'est-à-dire une chose qui doute, qui conçoit, qui affirme, qui nie, qui veut, qui ne veut pas, qui imagine aussi, et qui sent”.

<sup>6</sup> GUEROULT, M. *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Aubier, 1968 t.II, p.181 “Il s'agit simplement d'une intime association de l'âme avec le tout et les parties de la machine *toute faite*, telle qu'elle est produite selon les lois de la physique générale.”

cognitivo e racional e que a mente é capaz de mover o corpo, mas o inverso é impossível<sup>7</sup>. Pois, a alma é indivisível, o corpo é divisível; a alma não possui extensão, o corpo ocupa um espaço; a alma é imaterial, o corpo é material. Assim, os gêneros do pensamento como entendimento e vontade pertencem somente a *res cogitans*, a substância puramente pensante que consiste somente em pensar, contrariamente a *res extensa* que não possuiria qualquer experiência intelectual na medida em que é apenas uma coisa extensa<sup>8</sup>. Esse movimento pelo qual Descartes “afasta” o homem da matéria – do mundo e até mesmo de seu próprio corpo – possibilita criar a imagem de uma consciência de si mesmo como um ser pensante, ou seja, como um ser puramente *res cogitans*.

A substância pensante agora não possui mais as características da concepção aristotélicas ou da escolástica já não são mais um suporte ou um sustentáculo para definir o sujeito<sup>9</sup> o que abre caminho para sua abordagem baseada no mecanicismo para construir uma teoria em que o corpo funciona como uma máquina controlada pela mente<sup>10</sup>, ele incorpora ao dualismo mente-corpo uma reelaboração do conceito de *espíritos animais*<sup>11</sup> que fluem nas fibras nervosas e que são direcionados para a alma (*res cogitans*), o pensamento cognitivo e racional que expressa as suas ações através da glândula pineal<sup>12</sup> localizada no cérebro. As definições sobre a função e os mecanismos do cérebro ainda eram fortemente influenciadas pelas teorias que envolvem os fluidos vitais, espíritos animais e os humores, na verdade as influências de Hipócrates e Galeno podem ser vista em seu modelo hidráulico do cérebro ao compará-lo com o funcionamento de máquinas complexas de seu tempo, como relógios e estátuas que realizavam movimentos os quais eram controlados por sistemas hidráulicos. Essa tradição atribuía os processos cognitivos exclusivamente aos

<sup>7</sup> SKIRRY, J. *Descartes and the Metaphysics of Human Nature*. New York: Ed. Continuum, 2005. p.110. “[...] mover to moveable may be sufficient for the mind to move the body but not for the body to move the mind.”

<sup>8</sup> DESCARTES, R. *Meditations Touchant La Premiere Philosophie IN: Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 1, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. Meditation Sixième. pg 62. “[...] mon essence consiste en cela seul, que je suis une chose qui pense [...]”

<sup>9</sup> LAPORTE, J. *Le rationalisme de Descartes*. Paris: PUF, 2000. p.178. “Pour la scolastique, héritière d’Aristote, la substance est le support des accidents, c’est-à-dire des propriétés observables. [...]”

<sup>10</sup> DESCARTES, R. *Meditations Touchant La Premiere Philosophie IN: Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 1, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. Meditation Sixième. pg 64. “[...] ainsi qu’un pilote en son navire [...]”

<sup>11</sup> FUCHS, T. *The mechanization of the heart: Harvey and Descartes*. New York: The University of Rochester Press, 2001. p.132. “[...] they were reinterpreted as a stream of particles, to act as an independent agent moving the bodily machine—and that both in the sense of steering and of the transmission of energy. To be sure, Descartes reduces the three familiar kinds of spirits to a single one, the animal spirits.”

<sup>12</sup> DESCARTES, R. *Les Passions de l’âme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf, 1909. p.351, article XXXI. “Qu’il y a une petite glande dans le cerveau en laquelle l’âme exerce ses fonctions plus particulièrement que dans les autres parties”.

ventrículos cheios de líquido e ao fluxo de espíritos animais através dos nervos sem qualquer tentativa de atribuir estas funções a estruturas específicas do cérebro. O que se pode apontar como inovação é a nomeação da glândula pineal como uma espécie de *interface*, uma estrutura unitária e central que se torna o elo do corpo com a alma, a qual possui o controle corporal através do direcionamento do fluxo dos espíritos animais através do cérebro.

Os *inputs* sensoriais que passam por meio dos espíritos animais nos túbulos nervosos e são projetados para a glândula pineal, produzem as sensações que são percebidas pela alma que redireciona os espíritos animais novamente pelos túbulos nervosos para que adequadamente possam receber o comando e efetuar os movimentos musculares. O cérebro possui um grande número de tubos longos e finos que se conectam a diferentes partes do corpo, esses tubos são semelhantes aos “*tubos das máquinas dessas fontes*”<sup>13</sup>, nos quais as fibras centrais (chamadas de medula) passam através destes tubos por toda sua extensão “a medula é rodeada pelos espíritos animais que ajuda a mantê-la em uma condição tensa”<sup>14</sup>, isso permite a transmissão de uma pressão de um lado para o outro de uma maneira quase instantânea, desta forma, eles circulam até a base do cérebro e no interior dos nervos e depois são distribuídos para baixo para assim causar os movimentos musculares<sup>15</sup> de acordo com estruturas cerebrais e a estimulação. Sob essa nova perspectiva ele procura descrever os processos dos órgãos dos sentidos, do cérebro e dos músculos como puramente mecânicos e assim explicar as funções da alma sensível de Aristóteles como processos que envolvem os *espíritos animais*<sup>16</sup>.

Descartes queria justapor a natureza física e mecânica do mundo corpóreo com o mundo imaterial e não demonstrável do intelecto, nas *Meditações Metafísica* para

---

13 DESCARTES, R. *Traité de L'Homme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiées par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf, 1909. p.131. “Et véritablement l'on peut fort bien comparer les nerfs de la machine que je vous décris aux tuyaux des machines de ces fontaines [...]”

14 CLARKE, D.M. *Descartes's Theory of Mind*. New York: Oxford University Press Inc., 2003. p.53. “The marrow is surrounded by a subtle fluid called animal spirits, which helps to maintain it in a taut condition [...]”

15 DESCARTES, R. *Traité de L'Homme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiées par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf, 1909. p.130 “Or, à mesure que ces esprits entrent ainsi dans les concavités du cerveau [...] de faire mouvoir tous les membres.”

16 COTTINGHAM, J. *A Descartes dictionary*. Oxford: Blackwell Publishers, 1993. p.13 “Animal Spirits: [...] animal spirits' are purely physical items. In his physiology, they play the role which is today filled by neuro-electrical impulses [...]”

demonstrar que a mente é uma combinação de idéias ativas, inatas, formativas e de estímulos externos recebidos através dos sentidos ele ilustrou o funcionamento destas combinações com seu exemplo da cera ao considerar não apenas os atributos físicos da cera, mas também a percepção dela, fornecendo assim uma descrição do complexo processo do pensamento humano. Ao fazê-lo, Descartes preparou o terreno para futuras especulações sobre a natureza da "mente" em termos espirituais e materialistas, pois em sua definição *a coisa que pensa deve ser distinta da matéria*<sup>17</sup>, assim pode-se concluir que a alma, ou a parte que pensa no homem, é um espírito, i.e., uma substância imaterial e indivisível, uma *res cogitans*.

A teoria de Descartes subsistiu com o apoio da postulação da glândula pineal localizada no cérebro, pois é através dela a única maneira de se justificar o dualismo cartesiano ontológico de substâncias, caso contrário, a teoria entraria em colapso sob o escrutínio inexorável da lógica já que a alma é puramente imaterial e o corpo puramente material. No entanto, uma importante definição de Descartes foi identificar o lugar do “eu consciente” no surgimento da subjetividade, essa talvez seja sua grande inovação. Descartes mudou radicalmente a concepção de mente igualando-a com a consciência e atribuindo-lhe mais uma propriedade, o pensamento, as funções que eram pensadas como pertencentes à alma no modelo aristotélico-escolástico foram “transferidas” para o corpo. A partir do momento que Descartes propõe que o ser humano é uma combinação de duas substâncias distintas (dualismo) - um corpo material que é um autômato habitado por uma alma imaterial<sup>18</sup> - sua visão mecanicista da humanidade provoca uma nova interpretação materialista, pois corpo e alma já não formam mais uma unidade natural como imaginado pelo modelo aristotélico-escolástico. E por que, em certo sentido podemos afirmar que o modelo cartesiano possibilitou uma interpretação materialista? Porque, apesar de Descartes afirmar que a alma poderia existir sem personificação material era preciso, no entanto, do corpo, a *res extensa*, capaz de receber a alma.

---

17 DESCARTES, R. *Meditations Touchant La Premiere Philosophie* IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 1, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. Meditation Sixième. pg 62 “[...] il suffit que je puisse concevoir clairement et distinctement une chose sans une autre [...]”

18 DESCARTES, R. *Traité de L'Homme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf, 1909. p.119-120. “Ces hommes seront composés, comme nous, d'une Âme et d'un Corps.”

Apesar de recusar o dualismo de Descartes, La Mettrie (1709-1751) adotou a sua tese do *bête-machine*<sup>19</sup> e astutamente estendeu ao homem argumentando que os animais exibiam as mesmas capacidades cognitivas, foi pela anatomia comparada<sup>20</sup> que ele observou a semelhança dos cérebros de homens e animais o que lhe permitiu reivindicar uma *laïcização*<sup>21</sup> do cérebro, já que o animal possuía um “*equipamento*” anatômico necessário para que a razão se desenvolvesse, somente eram necessárias as condições sensoriais adequadas para que o processo fosse aprimorado<sup>22</sup>. Se os animais eram “*puramente máquinas*”, então, os homens também eram, pois em sua convicção a matéria organizada<sup>23</sup> possuía “*aptidões*”<sup>24</sup> inimagináveis por Descartes. Para refutar de forma incisiva os cartesianos, ele produziu evidências anatômicas e patológicas para mostrar a dependência do pensamento humano da matéria do cérebro.

As novas ciências possibilitaram fomentar novas teorias sobre a *relação da mente com o corpo e as propriedades físicas e mentais*, as descobertas de mecanismos corporais através da fisiologia permitiram que La Mettrie pudesse afirmar que a mente e o cérebro são apenas dois aspectos da mesma entidade física, essa conclusão “lógica” deriva de uma cadeia de raciocínio que teve início com Descartes quando estabeleceu a compreensão inteiramente mecânica de todos os seres vivos, com exceção dos homens. O argumento de La Mettrie consiste em afirmar que corpo e mente são altamente correlacionados entre si, danos causados ao corpo muitas vezes também são danos para a mente – usa como exemplo uma

---

19 COTTINGHAM, J. A Descartes dictionary. Oxford: Blackwell Publishers, 1993. p.15-16. ANIMAL: “When Descartes' account of animals as mechanical automata is combined with his dualistic ontology (which assigns all things to one of two incompatible realms, the realm of thought and the realm of extension) [...]”

20 LA METTRIE, J. O. L'Homme-machine. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.73. “[...] servons-nous ici de l'anatomie comparée [...] la forme et la composition du cerveau des quadrupèdes sont à peu près la même que dans l'homme.”

21 CHANGEUX, JP. L'Homme Neuronal. Paris: Fayard, 1983. p.26. “[...] il achève une « laïcisation » du cerveau déjà bien avancée avec La Mettrie et Cabanis.”

22 LA METTRIE, J. O. L'Homme Plante. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987. p.299. “Si le hasard nous a placés au haut de l'échelle, songeons qu'un rien de plus ou de moins dans le cerveau - où est l'âme de tous les hommes [...]”.

23 LA METTRIE, J. O. Traité de L'Âme. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.171 “ Je ne vois que matière dans le cerveau ; qu'étendue, comme on l'a prouvé, dans sa partie sensitive : vivant, sain, bien organisé, ce viscère contient à l'origine des nerfs un principe actif répandu dans la substance médullaire ; je vois ce principe qui sent et pense, se déranger, s'endormir, s'éteindre avec le corps. ”

24 LA METTRIE, J. O. Traité de L'Âme. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.222. “J'avoue encore une fois que j'ai beau concevoir dans la matière les parties les plus déliées, les plus subtiles, et en un mot la plus parfaite organisation, je n'en conçois pas mieux que la matière puisse penser.”

forte febre<sup>25</sup> que o acometeu – um problema fisiológico pode afetar os processos cognitivos, limitar a compreensão da realidade e até determinar a moral do indivíduo, assim como vários tipos de intervenções no corpo podem provocar mudanças na mente. Influenciado por sua experiência pessoal, conclui que as faculdades mentais enfraquecem juntamente com as capacidades físicas, também percebeu que o pensamento é, afinal, o resultado da ação mecânica do cérebro e do sistema nervoso e conclui que todas as faculdades intelectuais do homem estão “inclusas nas faculdades das sensações”<sup>26</sup>.

La Mettrie vai articular três campos do conhecimento que se complementam e possibilitam a fundamentação de seu projeto que são: a) o mecanicismo (a física mecânica de Galileu e Descartes); b) o iatromecanicismo de Boerhaave (doutrina médica baseada em leis da mecânica e da hidráulica); c) a fisiologia de Haller, a teoria da irritação das fibras<sup>27</sup> concebendo assim o “pano de fundo” teórico do *L'Homme-Machine* que pode ser compreendido como a concepção de uma filosofia médica que ambiciona estabelecer-se como uma ciência de todo homem em sua esfera física e psíquica proporcionando um dos primeiros tratamentos materialista-científico da mente humana.

No *L'Homme Machine*, não há uma descrição do funcionamento e tão pouco uma apresentação deste modelo mecanicista *galileano-cartesiano*, apesar da metáfora do relógio este mecanicismo possui sua própria força inata em todas as suas fibras e, portanto, não só monta a si mesmo<sup>28</sup> como também continua a funcionar mesmo quando a engrenagem principal cessa seus movimentos. Embora pareça apenas “animar” este mecanicismo para explicar o problema da relação corpo e mente, i.e., a natureza das funções mentais do homem, La Mettrie vai se concentrar no desenvolvido por Descartes para vitalizar esse “*mecanicismo morto*” e aproximá-lo da biologia<sup>29</sup> e desta forma rejeitar qualquer explicação animista.

---

25 LA METTRIE, J. O. Épitre à Mlle A.C.P. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome II - Paris: Ed. Fayard, 1987. p.220. “Cependant Machine fut mort en effet quelque temps. Il coucha tout étendu le long de la rivière d'Achéron.”

26 LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.221 [...] de sorte que plus on examine toutes les facultés intellectuelles en elles-mêmes, plus on demeure fermement convaincu qu'elles sont toutes renfermées dans la faculté de sentir [...]

27 LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. Paris: Denoël, 1981. p.47, 50, 56, 67

28 LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.69. “Le corps humain est une machine qui monte elle-même ses ressorts [...]”

29 VARTANIAN, A. *La Mettrie's L'Homme Machine: A Study in the Origins of an Idea*. Princeton: Princeton University Press, 1960. p.19. “primary task was to vitalize the Cartesian ‘dead mechanism’ approach to biology”.

Para La Mettrie, o homem é somente uma máquina e o termo *alma* é algo que não se pode definir<sup>30</sup>, ao afirmar que o homem era apenas uma máquina, o médico-filósofo estabelece que a *alma cartesiana* deixe de ser a parte pensante do homem, assim a consciência e o pensamento se tornam uma função do corpo. A mente ou alma ou consciência que deixa de existir como uma substância separada, algo para além da matéria, se torna o pensamento orientador de seu materialismo. Não só para La Mettrie, mas como para outros pensadores, Descartes cometeu uma falha lógica<sup>31</sup> ao restringir à essência do pensamento à imaterialidade, sua visão dualista e contraditória é uma “idéia sem modelo”<sup>32</sup>, isso se verifica na abordagem do problema corpo-mente-alma na grande maioria dos textos críticos-filosóficos que adotaram uma posição materialista como a de La Mettrie e que muitas vezes é defendida a partir de uma crítica ao seu dualismo e suas dificuldades concernentes à improvável união das duas substâncias ontologicamente diferentes. Esse argumento pode ser tomado como um consenso da atual neurociência, a mente é verdadeiramente em essência, nada além de matéria e afirmar que ela é algo especial seria fantasioso, a mente resultada da matéria do cérebro.

No *L'Homme-Machine* ele também afirma que todas as ações humanas mesmo aquelas atribuídas à mente eram inteiramente dependentes de fatores físicos e químicos, substâncias como o ópio, o café e o vinho<sup>33</sup> afetam tanto o corpo quanto a mente, “o corpo e a alma adormecem juntos”<sup>34</sup>, suas afirmações são baseadas em observações das mudanças que ocorrem no batimento do coração, na respiração, na imaginação, nos pensamentos e na vontade. Para La Mettrie a *correlação* e a *anatomia comparada* poderiam comprovar a sua afirmação sobre a materialidade da alma (mente) e a dependência do cérebro para o desenvolvimento das faculdades intelectuais, pois ambas poderiam ser submetidas à investigação científica através da medicina. Diferentemente das afirmações cartesianas que

<sup>30</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.98. “L'âme n'est donc qu'un vain terme dont on n'a point d'idée [...]”

<sup>31</sup> CLARKE, D.M. *Descartes's Theory of Mind*. New York: Oxford University Press Inc., 2003. p.53. “Cartesian arguments would imply that the brain states involved in causing sensations might not resemble the subjective experiences of the perceiving subject.”

<sup>32</sup> HOLBACH; VOLTAIRE. *Le bon sens du Curé J. Meslier, suivi de son testament*. Paris: Guillaumin Libraire, 1830. p.43. “L'idée de la spiritualité est encore une idée sans modèle.”

<sup>33</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987. p.69. “L'opium a trop de rapport avec le sommeil qu'il procure, pour ne pas le placer ici. Ce remède enivre, ainsi que le vin, le café, etc., chacun à sa manière, et suivant sa dose.”

<sup>34</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987. p.68. “L'âme et le corps s'endorment ensemble.”

anulavam qualquer possibilidade de verificação por argumentos extraídos da experiência. Assim, ele compara os cérebros de humanos e animais em busca de suas diferenças e semelhanças se baseando em uma diversificada literatura e usando como referências tratados como o de Thomas Willis “*De Cerebro e De Anima Brutorum*”, contudo ele apresenta uma visão muito mais “dinâmica” do cérebro, dando ênfase à imaginação e aos “sentidos internos”.

La Mettrie aplicando os métodos da medicina experimental descreve o cérebro como o órgão do pensamento, sua ontologia confronta diretamente a ontologia cartesiana, materialista convicto opõe-se a aqueles que como Descartes acreditavam que os eventos mentais não poderiam ser reduzidos a matéria, ao físico. Mesmo sem fornecer uma descrição mais profunda, isso não impediu de concluir que o pensamento depende dos nervos e do cérebro<sup>35</sup> que funciona como um receptor de impressões externas seguindo a linha filosófica dos associacionistas e dos empiristas. Seu objetivo é demonstrar que a matéria organizada pode explicar o pensamento, portanto rejeita qualquer forma de matéria sutil<sup>36</sup> como a alma ou éter afirmando que os seres humanos são puramente materiais e que dada certa organização desta matéria faz com que ela seja capaz de sentir e de pensar<sup>37</sup>. Logo, a questão essencial é respectivamente ao funcionamento do cérebro, já que é nesta determinada organização da matéria que todas as atividades cognitivas se encontram e se desenvolvem. Portanto, a negação da alma imaterial cartesiana estava no centro da concepção materialista do ser humano, ou seja, ele estava convencido de que a substância espiritual cartesiana ou a alma aristotélica não eram necessárias para explicar as sensações e o pensamento racional, bastava a “unidade material do homem”<sup>38</sup> para isto. O cérebro também não é mais simplesmente um processador de estímulos externos, mas um produtor de suas próprias ideias influenciadas por sua estrutura que por sua vez afetam o corpo, assim como a percepção e a aprendizagem, que resultam de mudanças no cérebro

---

<sup>35</sup> THOMSON, A. *Bodies of Thought Science, Religion, and the Soul in the Early Enlightenment*. New York: Oxford University Press, 2008. p.189 “[...] secondly that thought is produced by the nerves and the brain [...]”

<sup>36</sup> THOMSON, A. *L'Homme Machine, Mythe ou Métaphore?* IN: *Dix-Huitième Siècle*, n.20. Paris: PUF, 1988. p.372. “Il rejette ici la théorie de l'âme matérielle qui serait une substance subtile à part.”

<sup>37</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: *La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.102. “Ce principe existe, et il a son siège dans le cerveau à l'origine des nerfs, par lesquels il exerce son empire sur tout le reste du corps.”

<sup>38</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: *La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p. 103 “[...] l'Unité matérielle de l'Homme.”

segundo o médico-filósofo, um conceito que apesar de sua imprecisão é semelhante à visão moderna da relação entre cérebro, mente e comportamento.

Partindo da experiência e da observação, os únicos guias confiáveis de investigação<sup>39</sup> é que poderemos compreender as ações humanas e a aquisição do conhecimento, uma vez que é apenas através dos sentidos que o conhecimento chega até nós. Quando os órgãos dos sentidos são estimulados, os nervos conduzem a sensação até o cérebro que recebe as experiências, segundo La Mettrie é neste órgão que as sensações ocorrem, como é descrito no *Traité de L'Âme* no qual ele afirma que o conhecimento está ligado diretamente as sensações<sup>40</sup>. Para corroborar com suas afirmações ele invoca um problema filosófico que foi abordado por diversos filósofos como Locke, Diderot, Condillac, entre outros, suponha que uma pessoa cega congênita que aprendeu a distinguir e nomear uma *esfera* e um *cubo* apenas pelo toque, agora imagine que essa pessoa recupere sua faculdade da *visão*, a questão é: essa pessoa será capaz de distinguir os dois objetos usando a *visão ao invés do toque* como estava habituada? Ela será capaz de identificar qual é a esfera e qual é o cubo? William Molyneux foi o primeiro a abordar a questão em uma carta enviada a John Locke em 7 de Julho de 1688. Após analisar o que veio a ser conhecido como “O Problema de Molyneux”<sup>41</sup>, Locke publicou anos depois em seu “*Essay Concerning Human Understanding*” e sua resposta foi um categórico *não*<sup>42</sup>, pois a ligação entre os sentidos (tato e visão) era aprendida e desta forma o cego não teria a capacidade de afirmar com certeza qual era o cubo e qual era o globo somente ao vê-los, mas seguramente poderia nomeá-los após tocá-los.

Na sua forma geral, o problema não trata sobre reestabelecer uma conexão perdida (não possuir visão – possuir visão), mas sim sobre a conexão entre o que percebemos por meio de um sentido, como o tato e o que percebemos por meio de outro sentido, como a visão e como a interação ou não destes sentidos podem gerar um conhecimento. Assim,

---

<sup>39</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.66. “L'expérience et l'observation doivent donc seules nous guider ici.”

<sup>40</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987. p. 243. “Point de sens, point d'idées. Moins on a de sens, moins on a d'idées. Peu d'éducation, peu d'idées. Point de sensations reçues, point d'idées.”

<sup>41</sup> DEGENAAR, M. *Molyneux's Problem Three Centuries of Discussion on the Perception of Forms*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 17.

<sup>42</sup> LOCKE, J. *Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Clarendon Press, 1975. (book II, chapter IX, §8). “he could now distinguish them, and tell, which is the Globe, which the Cube. (...) To which the acute and judicious Proposer answers: Not.”

problema aqui suscitado é sobre o conhecimento (cognição), afinal, essa conexão entre sentidos é inata e, por conseguinte, *a priori* ou ela é somente empiricamente aprendida pelos sentidos? Se essa conexão entre sentidos for inata então o cego que agora possui a visão saberá dizer sem qualquer necessidade de experiências adicionais, qual é o cubo e qual é a esfera.

No que se refere ao problema, a resposta de La Mettrie foi *sim*, o cego que recupera sua visão poderia perfeitamente reconhecer e diferenciar os dois objetos em questão, pois não poderia deixar de reconhecer uma esfera ou um cubo que ele já conhecia pelo toque e já que seus olhos estavam fisicamente capazes de ver corretamente não haveria qualquer impedimento. Conforme La Mettrie, as experiências só ocorrem realmente no cérebro<sup>43</sup> assim o cego ao sentir o cubo ou a esfera nas pontas dos seus dedos também estava “gravando” as representações destes objetos em seu cérebro, isso porque ocorre uma colaboração entre os sentidos que poderíamos descrever segundo o autor desta forma, *se eu toco eu vejo*, essa é a única fonte de conhecimento que possuímos, portanto não há ideias inatas. Desta forma, as impressões que os objetos causam no cérebro, como os atributos de extensão, seriam comuns aos órgãos dos sentidos, como por exemplo, se o cego tocar uma vara reta a impressão causada no cérebro já lhe forneceria automaticamente a idéia de uma linha reta; uma vara curva produziria a idéia de uma linha curva e de modo idêntico para um cubo ou um globo<sup>44</sup>.

La Mettrie discordou da opinião que prevaleceu no debate sobre o “O Problema de Molyneux”, no “*Traité de L’Âme*” na *Histoire III* ele usa como fundamento de sua refutação o experimento “*De l’aveugle de Cheselden*”. Ele relata os fatos descritos pelo cirurgião William Cheselden que acreditava ter demonstrado que após a extração de cataratas de seu jovem paciente era necessário para o reconhecimento dos objetos a experiência tátil, pois mesmo recuperando a visão posteriormente a cirurgia o jovem não havia adquirido a faculdade de *ver*. O cirurgião observou que quando o menino foi capaz de ver não sabia

---

<sup>43</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L’Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987. p. 227-228 “Or un globe attentivement considéré par le toucher, clairement imaginé et conçu, n’a qu’à se montrer aux yeux ouverts ; il sera conforme à l’image, ou à l’idée gravée dans le cerveau ; et conséquemment il ne sera pas possible à L’Âme de ne distinguer cette figure de toute autre [...]”

<sup>44</sup> RISKIN, J. *Science in the age of sensibility: the sentimental empiricists of the French enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002. p.44 “Touching a straight stick would impress upon a blind man’s soul the idea of a straight line; a curved stick would give the idea of a curved line; and similarly for an angle, a cube, or a globe.”

reconhecer as formas dos objetos, também não foi capaz de distinguir uma coisa de outra, independentemente das diferenças que estas formas apresentassem, como por exemplo, diferenciar seu cão de seu gato<sup>45</sup>. Alguns filósofos concluíram que as observações de Cheselden foram inequívocas o que confirmaria a hipótese de que um homem cego que tem sua visão restaurada não seria capaz de distinguir objetos e que dependeria de um aprendizado para poder ver. As observações de Cheselden sobre sua experiência parecia confirmar a conclusão de Locke e Molyneux sobre o hipotético jovem cego e sua incapacidade de distinguir qualidades como grandeza, posição e figura apenas com a visão após o reestabelecimento de suas faculdades visuais.

La Mettrie oferece uma avaliação crítica do estatuto epistemológico da experimentação a qual o jovem paciente de Cheselden foi submetido. Como seu objetivo era demonstrar que todas as idéias vêm dos sentidos, ele afirma que um cego possui o sentido de tato finamente desenvolvido, portanto, não era necessariamente preciso possuir todas as idéias de percepção espacial ou certos julgamentos antes das primeiras sensações<sup>46</sup>, isso por que a percepção da luz e da cor já implica a percepção de extensão, mesmo que erros de interpretação sejam cometidos antes de se tratar compreender o que estava sendo descrito pelo jovem paciente, sobre essa precipitação das conclusões La Mettrie afirma que existe certo conforto em permanecer no erro do que buscar a verdade<sup>47</sup>. Como La Mettrie assume que as idéias representam objetos no mundo material e que o conhecimento é dependente dos sentidos, sua resposta afirmativa ao problema de Molyneux permanece perfeitamente compatível com a sua negação das idéias inatas.

Sua análise do experimento foi o paciente de Cheselden foi incapaz de distinguir qualquer objeto ou cor porque simplesmente seus olhos não haviam recebido tempo suficiente para se adaptar a sua nova condição, ou seja, músculos e fibras dos olhos não estavam habituados a mover-se em resposta à luz e idéias como a de grandeza e posição

---

<sup>45</sup> CHESELDEN, W. "An Account of some Observations made by a young Gentleman , who was born blind, or lost his Sight so early, that he had no Remembrance of ever having seen, and was couch'd between 13 and 14 Years of Age". IN: The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Vol. 35, N.402. p.448. "He knew not the Shape of any Thing, nor any one Thing from another, however different in Shape, [...]"

<sup>46</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard,1987.p.228. "[...] ces jugemens lui eussent été inutiles pour distinguer à la vue le globe d'un cube: il n'y avoit qu'à lui donner le tems d'ouvrir les yeux,& de regarder le tableau composé de l'univers."

<sup>47</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard,1987.p.228. "Car on a, pour appuyer l'erreur plus d'adresse, que pour découvrir la vérité".

seriam inúteis para o paciente que poderia diferenciar a primeira vista um cubo e uma esfera, pois o conhecimento já estava à disposição em sua memória. La Mettrie acreditava que na medida em que o relato de Cheselden estava em causa, um detrimento foi criado pela resposta de Locke ao problema de Molyneux, tanto o jovem paciente como seu médico poderiam ter sido influenciados pela convicção de que a resposta de Locke para Molyneux estava correta. Analisar o experimento apenas por uma perspectiva não permitiu levar em consideração a natureza da cegueira e o paciente cego, fez apenas com que o experimento tivesse um lugar no debate em que a resposta já estava pré-estabelecida, pois, como La Mettrie afirma, o conhecimento adquirido sobre o assunto seria de positiva importância, assim como é para um anatomista que conhece os ossos e órgãos do corpo<sup>48</sup> visualmente, portanto, poderia distingui-los facilmente pelo toque. Deste modo, esse conhecimento também deveria ser considerado no resultado final, caso contrário só poderia deixar de considerá-lo se o paciente de Cheselden fosse completamente incapaz de distinguir as figuras sólidas e essa incapacidade deveria ser atribuída a um trauma fisiológico<sup>49</sup> incurável e não ao conhecimento.

O conceito chave para sua explicação obviamente é a organização da matéria, no *Traité de L'Âme*, a matéria possui duas propriedades básicas<sup>50</sup>, uma delas é a capacidade de receber “formas” diferentes, ele define “forma” como diversos estados ou modificações que a matéria é capaz de adquirir, como o sentir. O termo “sentimento” significa uma propriedade psicológica genérica, suas variantes são sentir, imaginar, ter idéias, lembrar e mesmo que estas sejam propriedades ou formas da matéria organizada, como o cérebro, elas não estão situadas em um ponto específico como um *sensorium commune*, mas sim situado nas incontáveis terminações nervosas do cérebro, portanto, diferentes partes do cérebro são responsáveis por diferentes sensações, o *sensorium commune* está distribuído por

---

<sup>48</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard,1987. p. 227. “Or un globe attentivement considéré par le toucher, clairement imaginé et conçu, n'a qu'a se montrer aux yeux ouverts ; il sera conforme a l'image, ou a l'idée gravée dans le cerveau ; et conséquemment il ne sera pas possible a L'Âme de ne distinguer cette figure de toute autre, si l'organe dioptrique a l'arrangement interne nécessaire a la vision. C'est ainsi qu'il est aussi impossible aux doigts d'un très-habile Anatomiste de ne pas reconnoitre les yeux fermés, tous les os du corps humain, de les emboiter ensemble, et d'en faire un squelette [...]”

<sup>49</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard,1987. p. 228 “[...] on n'a pas donné le tems à l'organe dioptrique ébranlé [...]”

<sup>50</sup> LA METTRIE, J. O. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard,1987. p.127. “la puissance de recevoir différentes formes, qui se produisent dans la matire même, et par lesquelles la matiere peut acquérir la force motrice et la faculté de sentir.”

ele todo, desta forma, as diferentes sensações trazidas por diferentes nervos e diferentes localizações das terminações nervosas do cérebro o levam a concluir que sensações são a base do conhecimento. Assim, a conclusão do “*O Problema de Molyneux*” estava errada. Sobre a imprecisão que a visão pode provocar, La Mettrie retoma no texto “*Les Animaux plus que Machines*” ao considerar as observações sobre imagens, cores, grandeza, posição e figura faz a advertência que para um bom julgamento é necessário observar com cautela<sup>51</sup>.

Na faculdade do conhecimento descrito por La Mettrie a sensibilidade desempenha um papel fundamental, pois ela é a capacidade de ser afetada por objetos externos, capacidade que é específica para determinadas formas de matéria viva que são organizadas por um sistema nervoso e um cérebro. Como não há nenhuma substância espiritual e tudo é matéria, o pensamento em si mesmo é uma faculdade material é uma atividade do cérebro que se desenvolve elaborando as ideias que se formam a partir das sensações dadas pelo sentido, o pensamento é apenas uma faculdade do sentir<sup>52</sup>. Deve se notar que La Mettrie descreve a sensação como Descartes fez, a sensação é um movimento dos *espíritos animais*, isto é, a parte mais sutil do sangue que corre nos nervos e transmite a impressão do objeto nos órgão dos sentidos para o cérebro. Entretanto, toda a estrutura filosófica da descrição mecânica sobre os *espíritos animais* é alterada. De acordo com La Mettrie, a matéria se organizando em um ser vivo, adquire propriedades como a potência motriz que não é presente na matéria bruta, a sensação e todos os outros processos vitais são também movimentos embora a sua natureza seja diferente dos outros movimentos físicos à medida que ocorrem em uma matéria organizada. A sensibilidade não é processo material qualquer para La Mettrie, mas é um ato de conhecimento, é a partir da sensação que começamos a ter ideias e a coordená-las, a compará-las e em uma palavra, a racionalizar. O pensamento é uma evolução ou a aplicação da faculdade sentir, de acordo com La Mettrie. Por conseguinte e contrariamente a Descartes, um ser senciente não é um ser inerte, é um ser que é capaz de saber o que ocorre ao seu redor e possui a potencialidade de desenvolver o conhecimento, enfim, é um ser consciente. A própria idéia de que um animal *não humano*

---

<sup>51</sup> LA METTRIE, J. O. *Les animaux plus que machines*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques* Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987 p. 312. “Remarquez, s'il vous plait, que pour bien juger des Objets, il ne faut en être ni trop loin, ni trop près. Voulez-vous que les mêmes images peintes sur la Rétine le soient aussi dans le Cerveau?”

<sup>52</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques* Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.108. “[...] la pensée n'est qu'une faculté de sentir, et que l'âme raisonnable n'est que l'âme sensitive appliquée à contempler les idées et à raisonner! [...]”

que é capaz de aprender a linguagem humana implica que ele está consciente de si mesmo, como um indivíduo que mantém a memória de seu “eu” através do tempo e que é capaz de reter o que aprendeu.

Descartes, acreditava indubitavelmente que somente pelo racionalismo poderia se conhecer a verdade, a razão era a chave principal para a realização do conhecimento, em oposição, La Mettrie acreditava que somente o empirismo poderia revelar a verdade através da experiência. Descartes, na *IV parte do Discours de la Méthode* observa que não é a nossa imaginação ou nossos sentidos que nos dá a garantia de algo, exceto se o nosso entendimento intervém. Entretanto, no “*Règles pour la direction de l'esprit*” um olhar mais atento revela que de fato a imaginação é uma poderosa ferramenta para a resolução de problemas científicos e filosóficos, a capacidade de imaginação para manipular, combinar e recombinar imagens e representações mentais desempenha um importante papel no método cartesiano. Mas, Descartes exclui forçosamente a imaginação da sua concepção do cogito, pois estava convencido de que os produtos enganosos dessa faculdade não poderiam desempenhar qualquer papel na certeza abstrata do *pensamento autoreflexivo* assim, o cogito cartesiano é desde a sua concepção no discurso filosófico definido contra imaginação.

La Mettrie discorda de sua opinião, observando que os nossos próprios sentidos são capazes de reunir conhecimento, ele crê que não são ideias ou abstrações que produzem o conhecimento, também argumenta que quanto maior a limitação dos nossos sentidos, menor será nossa capacidade de desenvolver ideias. Como Locke, La Mettrie acredita que a mente humana é uma *tabula rasa* que é preenchida dia a dia com conhecimento através das experiências.

Apesar de Descartes ser um dos primeiros pensadores científico moderno a lidar metodologicamente com a *singularidade* da mente, ele deduziu como um fato real que o reino mental parece ser de um caráter completamente diferente do mundo material.

Na cosmologia mecânica de Descartes, todos os corpos, incluindo os organismos vivos eram autômatos movendo-se como fantoches mecânicos, o cérebro é como uma máquina sujeita a regras deterministas e mecanicistas e o corpo apenas um autômato. No *Traité de L'Homme*, Descartes inclui uma ilustração que representa o comportamento reflexivo, mostra o pé de um homem próximo a uma chama e da qual se deduz uma clara mensagem *quente* e *queimar*, a sensação de calor e sua consequência é representada viajando

através dos nervos sensoriais até a *glândula pineal*<sup>53</sup> na cabeça, a sede da mente, que envia o comando mais adequado retornando para um músculo na perna. Este *trajeto* resulta no *reflexo* do pé que é puxado para longe do fogo. Descartes, traça um cuidadoso caminho elaborando um dos primeiros exemplos de correlação corpo-mente, contudo ele definiu a mente em contraste com a matéria pelo que lhe faltava, ou seja, *extensão*. Ele também reconheceu outra diferença, reflexos e outros atributos ou expressões da matéria estão sujeitos a investigação científica, consciência e experiência subjetiva não e essa separação da natureza por Descartes em um reino físico e um reino mental /experiencial, cada um dinamicamente independente do outro, beneficiou indiretamente a ciência.

O objetivo de La Mettrie era mostrar por meio de toda a evidência científica disponível que não há necessidade de recorrer a uma hipótese incompreensível<sup>54</sup> quando a evidência mostra que a matéria sozinha pode produzir pensamento, sua tentativa de fornecer uma explicação materialista dos seres humanos não era simplesmente *reducionista*, pois o cérebro é visto como criativo e dinâmico, com a sua própria energia, e não apenas a soma de suas partes ou um receptor passivo de estímulos externos. Não são apenas as observações de médicos que são utilizados, mas também as recentes descobertas como a de *Trembley* sobre a capacidade do pólipô de água doce para se regenerar, foi a base para fornecer novos argumentos em favor das propriedades dinâmicas da matéria sem a necessidade de uma alma para sua explicação.

A proposição de La Mettrie é significativa, posto que já no sec. XVIII através do conceito de *organização da matéria* permite a sua epistemologia se opor esquematicamente a uma concepção materialista *reducionista*, mas faz da redução biológica um procedimento para a compreensão da *relação da mente com o corpo e das propriedades físicas e mentais*, uma posição aceita hoje pela comunidade neurocientífica. O problema mente-corpo e sua variação mente-cérebro, abordado no *L'Homme-Machine*, pela perspectiva de um materialismo radical *anti-cartesiano* tem como um dos principais objetivos explicar fenômenos como a consciência e a cognição como um produto do *cérebro* e eliminar a linha

---

<sup>53</sup> SMITH, C.U.M. *Brain, Mind and Consciousness in the History of Neuroscience*. Dordrecht: Springer Science, 2014. p.17. "Mentality is somehow confined to the little gland, both for both perception and willing".

<sup>54</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. IN: *La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.105. "[...] l'âme n'est qu'un principe du mouvement, ou une partie matérielle sensible du cerveau qu'on peut, sans craindre l'erreur, regarder comme un ressort principal de toute la machine [...]"

divisória entre o corpo e a mente. A aborgagem *lamettriana* tem suscitado o interesse de alguns neurocientistas modernos por ser uma precursora das explicações neurocientíficas, pois La Mettrie procurou olhar para a estrutura e o funcionamento dos nervos e do cérebro, com o objetivo de tentar explicar a produção de pensamento.

La Mettrie interpretou o cérebro como a fonte de todos os nossos sentimentos, paixões e pensamentos. Em sua visão, as faculdades mentais, como memória, vontade, imaginação entre outras, são funções fisiológicas baseadas na irritabilidade halleriana o que permite deduzir que poderíamos reduzir a consciência ao movimento de entidades físicas elementares, ou seja, a mente pode ser reduzida completamente às atividades neurais. Ele também elimina a mente do processo mecanicista<sup>55</sup> no qual os eventos neurais nada mais eram que o cumprimento de uma ordem na visão cartesiana para conceber uma espécie de representação do mundo fenomênico externo como uma projeção no mundo neural interno<sup>56</sup> e assim demonstrar que a consciência depende unicamente do cérebro e do sistema nervoso central, todos os fenômenos psíquicos como emoções, pensamentos, paixões, e percepções podem ser totalmente explicados apenas pela fisiologia. E observando a dependência dos cinco sentidos que homens e animais possuem para sentir, perceber e saber, La Mettrie conclui que o cérebro é o centro para o qual e do qual todas as percepções convergem.

Ele observa que de todos os animais o cérebro do homem é o maior, seguido pelo de outros animais que possuem um menor, outros muito pouco, enquanto outros como os insetos não possuem cérebro<sup>57</sup>, segundo La Mettrie o tamanho do cérebro determina a consciência, a inteligência e o posicionamento na cadeia dos seres, graças a uma *singular condição* imposta pela natureza este tamanho diferenciou o homem dos animais, um cérebro maior proporcionou que o espírito (a mente) se desenvolvesse, contudo, fez com que o homem “perdesse” seus instintos<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> JACOBSON, M. *Foundations of neuroscience*, Salt Lake City: Springer Science 1993. p.24 “have eliminated mind from the mechanistic process of neural events”

<sup>56</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.81. «[...] sur laquelle les objets peints dans l'oeil sont renvoyés comme d'une lanterne magique.»

<sup>57</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.73. “[...] l'homme est, de tous les animaux, celui qui a le plus de cerveau [...]”

<sup>58</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.74. “[...] qu'il y a ici une singulière condition imposée éternellement par la Nature, qui est que plus on gagnera du côté de l'esprit, plus on perdra du côté de l'instinct.”

Tudo que ocorre com a *alma* (mente) sempre é correlativo<sup>59</sup> ao corpo, La Mettrie, aponta diversas evidências empíricas para demonstrar que a consciência é uma atividade do cérebro, assim como a digestão é uma atividade do aparelho digestivo. Ele descreve fatos que comprovam a dependência corpo-mente como as implicações das doenças, das paixões, do sono, dos efeitos das drogas, da alimentação, assim como da educação. A questão proposta por La Mettrie é sobre a validade do direito de se postular a existência de algo ou de qualquer outra função que não seja orgânica para as atividades corporais, desta forma poderíamos corroborar a existência de uma alma cartesiana ou aristotélica? Se a resposta for negativa, então o que autoriza a legitimar a suposição de uma consciência independente do cérebro?

Consciência e inteligência dependem apenas do cérebro, uma falha em uma pequena e microscópica fibra poderia ter feito Erasmus e Fontenelle dois idiotas<sup>60</sup>, essa afirmação teve forte influência das observações de Maupertuis sobre as anomalias congênitas que ocorrem devido a erros transmitidos pelos pais na fecundação de sua prole, elas também poderiam ser aplicadas para explicar sobre falhas na inteligência, mas se o cérebro apresenta uma boa organização ele pode superar até mesmo limitações<sup>61</sup>.

La Mettrie rejeita o paradigma racionalista cartesiano e seu idealismo inatista, pois em sua concepção a matéria é enriquecida com uma autonomia que a torna autossuficiente, o dualismo compromete a unidade do homem, disto surge a necessidade de arquitetar hipóteses engenhosas, como a criação de duas substâncias distintas que se excluem, mas que são intimamente ligadas contrariando o que a experiência indica, que só existe uma única substância<sup>62</sup>. Ele afirma que todos os esforços anteriores para esclarecer metafisicamente a natureza da mente como o dualismo de Descartes, a monadologia Leibniziana e até mesmo a conjectura de Locke sobre Deus que adicionou o pensamento à

---

<sup>59</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.73. "Les divers états de l'âme sont donc toujours corrélatifs à ceux du corps."

<sup>60</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.74. "Un rien, une petite fibre, quelque chose que la plus subtile anatomie ne peut découvrir, eût fait deux sots d'Erasmus et de Fontenelle [...]"

<sup>61</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987 p.84. "Mais si le cerveau est à la fois bien organisé et bien instruit, c'est une terre féconde parfaitement ensemencée, qui produit le centuple de ce qu'elle a reçu [...]"

<sup>62</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: La Mettrie - *Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p. 117. "[...] dans tout l'Univers qu'une seule substance diversement modifiée."

matéria falharam<sup>63</sup>. Segundo La Mettrie, estes filósofos não souberam explicar como a mediação fisiológica interfere no processo de conhecimento e como o cérebro segue progressivamente desenvolvendo uma capacidade criadora, sua conclusão é de que a mente é absolutamente derivada da matéria do cérebro, assim como o *pensamento* depende completamente do *existir*.

### **Bibliografia.**

ARISTOTLE. *De Anima*. Cambridge: Cambridge University Press, 1907.

CLARKE, D.M. *Descartes's Theory of Mind*. New York: Oxford University Press Inc., 2003.

CHANGEUX, JP. *L'Homme Neuronal*. Paris: Fayard, 1983.

CHESELDEN, W. "An Account of some Observations made by a young Gentleman , who was born blind, or lost his Sight so early, that he had no Remembrance of ever having seen, and was couch'd between 13 and 14 Years of Age". IN: The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Vol. 35, N.402

COTTINGHAM, J. *A Descartes dictionary*. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

DAMASIO, A. R. *Descartes' error: emotion, reason, and the human brain*. New York: Avon Books, 1995.

DESCARTES, R. *Meditations Touchant La Premiere Philosophie* IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 1, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.

\_\_\_\_\_. *Les Passions de l'âme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf Imprimeur-Éditeur, 1909.

\_\_\_\_\_. *Traité de L'Homme*. IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. XI, Paris: Léopold Cerf Imprimeur-Éditeur, 1909.

\_\_\_\_\_. *Principia Philosophiae* IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. IX 2, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989

\_\_\_\_\_. *Discours de la méthode* IN: *Œuvres de Descartes* publiees par C. Adam & P. Tannery. vol. VI, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.

---

<sup>63</sup> LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. IN: *La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I* - Paris: Ed. Fayard, 1987, p.67. [...] mais quel fruit, je vous prie, a-t-on retiré de leurs profondes méditations et de tous leurs ouvrages?

DEGENAAR, M. *Molyneux's Problem Three Centuries of Discussion on the Perception of Forms*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1996.

DUFLO, C. *La finalité dans la nature – De Descartes à Kant*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996

FUCHS, T. *The mechanization of the heart: Harvey and Descartes*. New York: The University of Rochester Press, 2001.

GUEROULT, M. *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Aubier, 1968

HOLBACH; VOLTAIRE. *Le bon sens du Curé J. Meslier, suivi de son testament*. Paris: Guillaumin Libraire, 1830.

JACOBSON, M. *Foundations of neuroscience*, Salt Lake City: Springer Science 1993.

LA METTRIE, J. O. *L'Homme-Machine*. Paris: Denoël, 1981

\_\_\_\_\_. *L'Homme-Machine*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987.

\_\_\_\_\_. *L'Homme Plante*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987.

\_\_\_\_\_. *Épître à Mlle A.C.P.* IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome II - Paris: Ed. Fayard, 1987.

\_\_\_\_\_. *Traité de L'Âme*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987

\_\_\_\_\_. *Les Animaux plus que Machines*. IN: La Mettrie - Œuvres Philosophiques Tome I - Paris: Ed. Fayard, 1987.

LAPORTE, J. *Le Rationalisme de Descartes*. Paris: PUF, 2000.

LOCKE, J. *Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Clarendon Press, 1975.

RISKIN, J. *Science in the age of sensibility: the sentimental empiricists of the French enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

SKIRRY, J. *Descartes and the Metaphysics of Human Nature*. New York: Ed. Continuum, 2005.

SMITH, C.U.M. *Brain, Mind and Consciousness in the History of Neuroscience*. Dordrecht: Springer Science, 2014.

THOMSON, A. *L'Homme Machine, Mythe ou Métaphore?* IN: *Dix-Huitième Siècle*, n.20. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

\_\_\_\_\_. *Bodies of Thought Science, Religion, and the Soul in the Early Enlightenment*. New York: Oxford University Press, 2008.

VARTANIAN, A. *La Mettrie's L'Homme-Machine: A Study in the Origins of an Idea*. Princeton: Princeton University Press, 1960.